



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Leite Derramado: gota a gota

Uma análise sobre Leite Derramado

GRACE COSTA PEDROSO

Porto Alegre, julho de 2011

GRACE COSTA PEDROSO

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau em Licenciatura em Letras – Português e Literatura Portuguesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Professora Orientadora

Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva

PORTO ALEGRE

2011

“Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida.”

(Eulálio – *Leite Derramado*)

Agradecimentos

A Deus, por sempre ter iluminado as minhas escolhas;
Aos meus queridos pais: Carlos e Ivoli, pelo amor sem limites, por todo incentivo e pelos inúmeros livros que me deram;

À minha orientadora Márcia Ivana, pelo apoio e confiança. Agradeço imensamente por todas as oportunidades oferecidas durante a minha graduação junto ao seu projeto de pesquisa e pela amizade que construímos;

Aos professores do Instituto de Letras, que me ensinaram a amar mais ainda a Literatura e a profissão de Professor;

Aos colegas/amigos maravilhosos, um grande presente que a UFRGS me deu;

Enfim, a todos com quem aprendi.

RESUMO

Este trabalho se propõe a fazer um estudo sobre o romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque. Primeiramente analisamos a estrutura do romance, a questão da linguagem, da oralidade e da memória. Em seguida, foram observados a postura do narrador e o modo como ele apresenta os demais personagens. A análise e a interpretação foram norteadas pelos conceitos teóricos de Walter Benjamin e de Theodor Adorno. Ao final, foram feitas aproximações deste romance com o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Palavras-chave: Leite Derramado; narrador; estrutura; personagem

ABSTRACT

This work intends to do a study on the novel *Leite Derramado*, by Chico Buarque. First we analyze the structure of the novel, the question of language, orality and memory. They were then observed the attitude of the narrator and the way it presents the other characters. The analysis and interpretation were guided by theoretical concepts of Walter Benjamin and Theodor Adorno. In the end, this novel approaches have been made with the novel *Dom Casmurro*, Machado de Assis.

Keywords: Leite Derramado; narrator; structure; characters.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1-Estrutura.....	10
2-Narrador.....	15
3-Uma ponta de Casmurro em Leite Derramado.....	25
Considerações Finais.....	32
Referências.....	35

INTRODUÇÃO

O Velho Francisco – Chico Buarque

Já gozei de boa vida, tinha até meu bangalô
Cobertor, comida roupa lavada
Vida veio e me levou
Fui eu mesmo alforriado pela mão do Imperador
Tive terra, arado, cavalo e brida
Vida veio e me levou
Hoje é dia de visita vem aí meu grande amor
Ela vem toda de brinco, vem todo domingo
Tem cheiro de flor
Quem me vê, vê nem bagaço
Do que viu quem me enfrentou
Campeão do mundo em queda de braço
Vida veio e me levou
Li jornal, bula e prefácio
Que aprendi sem professor
Frequentei palácio sem fazer feio
Vida veio e me levou
Hoje é dia de visita vem aí meu grande amor
Ela vem toda de brinco, vem todo domingo
Tem cheiro de flor
Eu gerei dezoito filhas
Me tornei navegador
Vice-rei das ilhas da Caraíba
Vida veio e me levou
Fechei negócio da China
Desbravei o interior
Possuí mina, de prata, jazida
Vida veio e me levou
Hoje é dia de visita, vem aí meu grande amor
Hoje não deram almoço, né
Acho que o moço até nem me lavou
Acho que fui deputado
Acho que tudo acabou
Quase que
Já não me lembro de nada
Vida veio e me levou

Esta música, de 1987, conta Wagner Homem em seu livro *Chico Buarque: Histórias de Canções*, veio para Chico a partir de um sonho. No sonho, o velho da canção era “uma preta velha que contava uma história num fundo de cozinha e pedia, com voz cava e arrastada: Fecha a porta! Fecha a porta!”. A velha do sonho virou *O Velho Francisco*, homem que narra suas reminiscências numa espécie de delírio. Segundo Chico Buarque, essa música serviu, anos mais tarde, de trampolim para a criação do seu mais novo romance, *Leite Derramado*.

No romance, assim como na canção, o personagem principal derrama as suas memórias. Tanto na música quanto no livro o locutor fala de algum hospital ou casa de saúde: “hoje é dia de visita, vem aí meu grande amor/ Hoje não deram almoço, né/ Acho que o moço até nem me lavou.” “Já tirei não sei quantos raios X, já me reviraram todo, e no fim não dizem nada, nunca me apresentaram uma chapa de pulmão.” Enquanto a música *O Velho Francisco* trata das vicissitudes de um ex-escravo alforriado “pela mão do imperador” que freqüentou “palácio sem fazer feio”, o romance *Leite Derramado*, retrata a vida de um homem nobre que passa os últimos dias da sua vida na ruína.

O presente trabalho tem como objeto de estudo o livro *Leite Derramado*, de Chico Buarque, visto que ainda não se tem muito material publicado sobre o romance. A partir de uma análise da sua estrutura que se caracteriza como um longo monólogo de um personagem de cem anos que - à beira da morte - resolve expor os fatos de sua vida para a sua filha, as enfermeiras, os médicos, a mãe e o pai, figuras que são resultado de devaneios do próprio narrador. Será feito um estudo acerca desse narrador, utilizando como fundamentação teórica Walter Benjamin e Adorno.

Visto que há pouco material sobre o romance de Chico e, uma aproximação com uma obra da tradição, como é o caso de Machado, traçaremos, em outro momento do trabalho, um paralelo com a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, tentando ressaltar as diferenças e semelhanças, principalmente no que diz respeito à relação dos narradores com suas respectivas esposas: Capitu e Matilde.

Imaginamos, com este estudo contribuir para a difusão do romance, bem como a ampliação da sua fortuna crítica.

ESTRUTURA

“O livro é uma extensão da memória e da imaginação.”

(Jorge Luis Borges)

O romance *Leite Derramado* é em primeira pessoa e narra a decadência de uma família tradicional carioca a partir de longos monólogos de Eulálio – um velho centenário – preso ao leito de um hospital. A obra é dividida em 23 capítulos todos com parágrafos únicos, nos quais Eulálio lança as suas memórias de maneira contínua e não linear.

“Os capítulos são parágrafos. E há um desejo que sejam um pensamento fluente, que não haja nenhuma interrupção. Uma coisa vai puxando a outra, como se fosse um desafoço daquele velho falando, falando, até... até ele cansar. Pá! (risos) Aí retoma o segundo parágrafo e vai, vai, vai, mesmo que não tenha interlocutor, mesmo que os interlocutores sejam imaginários ou que estando ali não falem. Ele não quer saber ou pode ser surdo. Ou então fala sozinho¹...”

O nome do narrador-personagem (Eulálio) é de origem grega e quer dizer bom orador ou fluência no falar. É perceptível, logo nas primeiras páginas, esse desejo intenso do narrador de falar e falar, de encontrar alguém que o escute; mesmo quando não há interlocutores, ele inventa, ele confunde e, até mesmo, fala para as paredes. Sendo assim, o caráter oral é algo muito presente nessa obra, principalmente pelo grande fluxo de consciência desse homem. Durante o romance, é muito comum Eulálio lembrar-se de algo, fazendo associações, a partir de um comentário que faz para a enfermeira, ou de alguma situação vivida no presente. Assim sendo, o narrador acaba emendando histórias que, a princípio, não têm nenhuma ligação entre si. Algo muito recorrente na fala, visto que, quando estamos contando algo para alguém, às vezes, no meio do discurso lembramo-nos de outra história e paramos aquela para contarmos esta.

¹ Fragmento de entrevista de Chico Buarque de Holanda para a revista Expresso. Disponível em: http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_expresso.htm. Acesso em 02 de julho de 2011.

No trecho abaixo, observamos que, a partir de uma situação, o narrador, além de relembrar algo, também delira ao achar que a sua mãe ainda está viva.

“Já tirei não sei quantos raios X, já me reviraram todo, e no fim não dizem nada, nunca me apresentaram uma chapa de pulmão. Por falar nisso, eu amaria dar uma olhada nas minhas fotos particulares, e o doutor, que tem um ar polido, se não se importar dê um pulo na minha casa. Peça à minha mãe que lhe indique a escrivaninha barroca de jacarandá, cuja a gaveta central é abarrotada de fotografias.” (p. 24)

Na obra, as diversas repetições de cenas e situações refletem as hesitações e as lacunas da memória desse narrador centenário. Outro elemento concernente à oralidade diz respeito à linguagem. O romance apresenta construções de frases coloquiais em contraponto com um vocabulário retrógrado. Acreditamos que esse anacronismo lingüístico se deve ao fato de Eulálio estar, ainda, impregnado com os costumes e hábitos da época da sua juventude. A sua origem nobre manifesta-se na fala com colocações pronominais: “Debrucei-me, contorci-me como em cólicas, soltei-me da minha mãe (...)” e, também, em expressões pronunciadas em francês: *voilà*, *rendez-vous*, etc.

De uma maneira bem peculiar, Eulálio nos conta a sua história e, ao fazer isso, apresenta-nos um panorama político e social do Brasil, mais especificamente do Rio de Janeiro, do século XV até o ano de 2007. Como o narrador-personagem viveu cem anos, ele não só ouviu muitas das histórias que conta, como também foi testemunha e participou ativamente de muitos momentos importantes da história nacional e internacional. Em suas memórias há referências à *belle époque*, à queda da bolsa de Nova York e até à vinda da família real portuguesa, que trouxe em sua comitiva o seu trisavô. O romance expõe um quebra-cabeça histórico muito criativo. Chico Buarque estabelece um jogo de encaixe com o leitor, em que a partir de cada fato contado por Eulálio, é possível elaborar uma sequência histórica contextual dos costumes e dos valores da sociedade carioca no último século.

Por pertencer a uma família economicamente abastada, o narrador recorda que, dependendo da situação, somente a menção do seu nome já era o suficiente para gozar de certos privilégios sociais. A valorização do nome acompanhado do sobrenome pela sociedade do período era evidente. Herdar o nome do pai era algo recorrente na época. Como é mencionado no romance, Eulálio é a oitava geração dos Eulálio Assumpção, e este manteve a

tradição dando o seu nome para o neto, bisneto. Essa questão reforça a temática da identidade. O nome era a marca da família; assim sendo, o homem desse clã não tem uma identidade própria. O narrador-personagem era identificado de maneira coletiva, por exemplo, a família dos Assumpção. Eulálio usa a identidade da sua posição social como um “cartão de vistas” perante aqueles que ele julga serem inferiores socialmente.

Porém, ao longo dos anos, a sociedade sofreu transformações, o nome de família já não carrega mais aquela importância toda. Apesar de se mostrar reticente à idéia, o próprio Eulálio percebe essa mudança quando tenta, sem sucesso, impedir a polícia de invadir o seu apartamento dizendo que aquela era a casa de um Assumpção:

“Não demorou muito, sete agentes da polícia invadiram nosso apartamento, vasculharam tudo, sacolejaram Maria Eulália, perguntaram por um tal de Pablo, e eu lhes disse que havia um equívoco, o garoto era um Assumpção de boa cepa. Ainda lhes apontei o retrato do meu avô na moldura dourada, mas um brutamontes me deu um tapa na orelha e me mandou enfiar o avô no cu.” (p.127)

Podemos afirmar que o relato de Eulálio é a maneira que este encontrou de recuperar a sua identidade, já que o seu nome não significa mais nada nessa nova sociedade. É relembando e revivendo as suas memórias que Eulálio consegue reconstituir alguma função social que perdeu por já ser um ancião e não ser mais socialmente ativo. Diferente dos velhos das tribos antigas que ocupam um lugar de honra como detentores do saber, os velhos das sociedades ocidentais não são mais economicamente ativos e, por isso, perdem a importância social e acabam se isolando do contato com os mais jovens, acarretando, assim, um esvaziamento e uma desvalorização desse período da vida.

Segundo Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade*, os velhos, por não serem mais propulsores da vida presente no seu grupo social, passam a adquirir uma nova função: lembrar e contar para os mais jovens as suas histórias. O indivíduo novo não tem tempo para se ocupar com as suas lembranças, por isso cabe ao idoso essa tarefa. Contudo, não é só o tempo que os velhos têm para se dedicar às lembranças, pois, pela sua idade, os antigos têm uma memória social melhor definida e mais contextualizada, visto que são testemunhas de um quadro já finalizado e bem delineado pelo tempo. Mesmo o idoso sendo o guardião da

memória, o jovem, seja pela falta de tempo, ou pela inexperiência para lidar com as questões da lembrança, não apresenta nenhum interesse em ouvir o que os velhos têm a dizer.

“O velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrair suas moas cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo. Se o adulto não dispõe de tempo ou desejo para reconstituir a infância, o velho se curva sobre ela como os gregos sobre a idade de ouro.” (p. 83)

Tal desinteresse ocorre, ainda, porque o fato contado apresenta um grande afastamento temporal, o que torna a história narrada menos palpável para os jovens. Por esta ocorrer em um momento diferente do vivido pelo jovem, este age como se ela não houvesse existido. No trecho: “As pessoas não se dão ao trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de estrangeiro.”, percebemos que Eulálio sente exatamente o que Ecléa aponta em seu livro.

Eulálio já não tem mais ação social, o seu nome não mais “abre portas”, e ele perde a sua identidade. O próprio se dá conta do fato, como vemos na passagem abaixo:

“Ouço suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo de privilégios, grito de dor e não me dão opiáceos, dormimos todos em camas de rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço.” (p.50)

Agora Eulálio é, simplesmente, mais um velho doente deitado no leito de um hospital. Sendo assim, é nas suas memórias, que Eulálio busca uma maneira de restabelecer as suas obrigações sociais como chefe de família e, até mesmo, a sua identidade. Walter Benjamin afirma que a lembrança é a experiência individual sem nenhum valor significativo. É algo que antecede a memória, então, menos organizado. A memória, por sua vez, é a experiência coletiva já inculcada de significação, e, logo, com uma maior organização. Normalmente, esta sofre influência de valores e de julgamentos não do momento em que ocorreu, mas sim do momento presente. O movimento da narração ocorre na camada da memória, onde o narrador é o responsável por lapidar o grande diamante bruto que é a lembrança. Devido a todo esse esforço, Benjamin compara o trabalho do narrador ao trabalho de um artesão.

No romance, as lembranças de Eulálio nos possibilitam a construção de uma memória social, que, para Benjamin, é o meio no qual ocorre a vivência:

“A língua tem indicativo inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava.” (p. 239)

Ainda na camada da memória, Chico Buarque constrói, ao longo do romance, um jogo de espelhos ao colocar personagens de épocas diferentes dentro de uma mesma história, ou relatando o mesmo fato porém com pessoas distintas exercendo uma mesma função, Podemos citar como exemplos: a morte do bisneto de Eulálio, assassinado num quarto de hotel pelo marido da amante é equivalente à morte do pai de Eulálio. O narrador descreve as duas mortes em momentos distintos do livro, porém utiliza frases e imagens idênticas, como o sangue escorrendo da boca de ambos para o tapete. Outro tipo de espelhamento é feito entre passado e presente, quando Eulálio no hospital comporta-se como o menino mimado da infância e joga seu prato de comida no chão. Observamos que o desempenho de quem cuida dele é o mesmo, permitindo frases idênticas às da infância, agora dirigidas aos enfermeiros e médicos. É, ainda, neste jogo de espelhos, que ocorre uma das cenas mais poéticas da obra: a morte de Eulálio - marcada pelo final do relato - em que, ao receber a visita do tataraneto, lembra-se de que, quando menino, fora com sua mãe ver seu tetravô no leito de morte. Ao descrever a cena, Eulálio atenta para o fato de que, assim como ele, o seu tetravô encontrava-se numa cama de hospital, onde morreu, somente, com as presenças de Eulálio e de sua mãe, situação semelhante a do nosso narrador.

Com apenas 195 páginas, Chico Buarque reconta a decadência de uma família rica e influente, a partir da mente confusa de um velho de cem anos, que se encontra na cama de um hospital à beira da morte.

NARRADOR

“Acho que fui deputado
Acho que tudo acabou
Quase que
Já não me lembro de nada
Vida veio e me levou”
(O Velho Francisco – Chico Buarque)

“A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas (...)”. Com esse trecho, podemos perceber o caráter memorialista da obra. Prontamente, nas primeiras páginas, instaura-se uma dúvida no leitor: para quem fala este homem que desmonta à nossa frente a sua vida? Falará apenas para o seu interlocutor, ou será para si mesmo? O fato é que, em seu mais recente romance, Chico desenhou um narrador em primeira pessoa tão complexo quanto o narrador de seu livro anterior *Budapeste*. Além de complexo, Eulálio, que já carrega em seu nome a marca da primeira pessoa, é entusiasmante, principalmente por ser um contador de histórias centenário. Por meio de fluxos de consciência e da memória fragmentada, Eulálio – pertencente a uma tradicional e abastada família carioca - reconta a história de sua vida da cama de um hospital entre uma dose de morfina e outra. Em meio a lembranças e divagações, ele vai narrando a história dos Assumpção (*com "p", para não ser confundido com os meros Assunção*), começando no século XV até o ano de 2007.

É notável verificar que surge, a partir de tal obra, uma discussão sobre a necessidade do registro de uma memória (do narrador-personagem). Na situação na qual se encontra, este justifica seus digressivos relatos aos mais diferentes interlocutores (enfermeiras, médicos e a própria filha) como uma forma de não ter seu passado esquecido e, também, como uma maneira de reviver tal episódio contado:

“Mas se com a idade a gente dá pra repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida. Já aqui, bem ou mal, recebo alguma atenção, não há passante que não afrouxe o passo para me espiar, como a um desastre à beira da estrada. E muitos se detêm para escutar minhas palavras, mesmo que não alcancem seu sentido, mesmo quando o enfisema me sufoca e mais a arquejo

que falo. Aos domingos, no pico do horário de visita, é comum acorrerem famílias inteiras a fim de apreciar meus estertores, ou quiçá a derradeira sentença de um moribundo. Muita vez de fato já invoquei a morte, mas no momento mesmo em que a vejo de perto, confio em que ela mantenha suspensa sua foíce, enquanto eu não der por encerrado o relato de minha existência.” (p. 184)

Com essa passagem, percebemos, inteiramente, não só o propósito da narrativa (o registro de sua memória pessoal e familiar). “Sem você me enterrariam como indigente, meu passado se apagaria, ninguém registraria minha saga.”, bem como o estado do narrador Eulálio, que, por sua idade, é acometido por digressões e alucinações repetidas ao longo do romance. Também, é possível notar o pouco interesse dos interlocutores em relação aos fatos contados. Mesmo com a idade avançada e os remédios, Eulálio consegue remontar o quebra-cabeça que é a sua vida, visto que ele conhece muito bem a história das suas origens. A partir dessa análise, podemos aproximá-lo à classificação de narradores feita por Benjamin em seu texto *O Narrador*. De acordo com Benjamin, há dois tipos de narrador o primeiro chamado de “*marinheiro mercante*”, que de porto em porto vai arrecadando pequenas histórias ou parte delas, sem muito tempo de aprofundá-las. Assim sendo, o conhecimento que este adquire é horizontal, plano como uma fotografia em que não temos acesso a outras dimensões. O segundo narrador, Benjamin classifica como “*lavrador sedentário*”, aquele homem que nunca saiu da sua cidade, e por isso, conhece muito as tradições e as histórias da sua família. Portanto, dizemos que o conhecimento deste é vertical, visto que ele conhece apenas uma história, mas é capaz de contá-la de maneira detalhada e profunda. Diferentemente da fotografia, as histórias narradas pelo lavrador sedentário assemelham-se a um filme no qual temos acesso a diversas dimensões. Um exemplo disso é a maneira como Eulálio nos conta o dia em que conheceu a sua esposa Matilde. O narrador acrescenta detalhes a cada vez que reconta o fato, o que nos dá a impressão de ver a história por outro ângulo. Pelo conhecimento que o narrador de *Leite Derramado* apresenta-nos, podemos encaixá-lo no segundo narrador de Benjamin, “*lavrador sedentário*”. Eulálio nos conta com detalhes a sua vida apesar de seus interlocutores não se mostrarem interessados em escutar o que ele tem a dizer.

Este comportamento do interlocutor remete à tese de Walter Benjamin, de que a humanidade não está mais disposta a aceitar narrativas e as experiências que emanam delas:

"(...) as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior, mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis. Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca." (p. 184)

Ainda em seu texto, Benjamin afirma que narrar é trocar experiências: “A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores.”. Em passagens como: “Estou pensando alto para que você me escute” e “mas você perdeu lances fundamentais da minha vida. Do jeito que anda relapsa, quando você compilar minhas memórias vai ficar tudo desalinhavado, sem pé nem cabeça.”. Notamos que o narrador de *Leite Derramado* faz exatamente o que diz Benjamin ao ditar as suas memórias para uma das enfermeiras. Ele tem a preocupação de deixar as suas histórias para a posteridade. O grande desejo de compartilhar com os outros as suas memórias, reafirma a tese que Adorno desenvolve em seu texto, *Posição do Narrador no Romance Contemporâneo*. Diferentemente de Benjamin, Adorno acredita que, no romance atual, não existe mais a transmissão de experiência, e sim ter algo especial para contar: “Narrar algo significa, na verdade, ter algo especial a dizer (...)”. Adorno faz uma reflexão acerca da dissolução da forma romanesca, característica de uma série de narrativas do século XX. No seu ponto de vista, a percepção de uma realidade desorientada influencia o narrador, que manifesta essa desordem na sua narrativa. A fragmentação da narrativa, a imprecisão no foco narrativo, o enredo vago e confuso, a falta de linearidade temporal, espaço pouco definido e a decomposição da sintaxe por meio de experiências lingüísticas são elementos recorrentes nesse novo narrador, apontados por Adorno. Verificamos que no romance de Chico, há uma desarticulação da linguagem a fim de expor uma desarticulação do próprio narrador, que numa narrativa não linear, tenta organizar as ruínas do passado.

Segundo Adorno, o romance realista dá a ilusão de que o mundo é organizado. O novo narrador tira essa ilusão, pois este se coloca numa posição de fragilidade na qual ele não se

assume dono da realidade narrativa: “O sujeito da criação literária, que renega as convenções da representação do objeto, reconhece, ao mesmo tempo, a própria impotência, o superpoder do mundo-coisa que no meio do monólogo retorna”. O narrador contemporâneo é, simplesmente, um mediador entre o sujeito e o objeto narrado, colocando-se assim ao nível do leitor. O próprio narrador de *Leite Derramado* tem consciência disso ao revelar: “Não é culpa minha se os acontecimentos às vezes me vêm à memória fora da ordem em que se produziram.” Eulálio, na sua subjetividade narrativa, acredita que a sua história é algo válido de ser contado, apesar da falta de interesse do interlocutor.

Tal desinteresse dos interlocutores de Eulálio está relacionado aos seus delírios, à sua incongruência e aos seus devaneios, assim como, a sua avançada idade e a sua memória repetitiva - que conta várias vezes o mesmo fato – e, também as suas alucinações. Devido a isso e, principalmente, ao fato de ser uma narrativa em primeira pessoa, podemos considerá-lo um narrador não-digno de confiança, pela maneira duvidosa que este conduz a sua história: “(...) nunca lhe contei esse episódio? Então não o leve em conta, nem tudo o que eu digo se escreve, você sabe que sou dado a devaneios.” E também no trecho: “Com a idade a gente dá para repetir velhas lembranças, e a que menos gostamos de revolver são as que persistem na mente com maior nitidez. Agora preciso dos meus anestésicos, minhas dores no peito voltaram a se agravar, sinto que desta noite não passo.” Esse fragmento atenta para o fato de que o narrador, em vários momentos da narrativa, está sob influência de medicamento, o que dá ao romance um caráter alucinógeno e, até mesmo, duvidoso, visto que Eulálio relata, em algumas passagens, que parentes já falecidos vieram visitar-lhe no hospital: “Quem hoje veio me ver foi o papai, que nunca aparece no meu quarto. Passou para me recomendar que ficasse pregado na cama (...)”. Devido a essas divagações e a esses devaneios, o leitor acaba ficando com certas dúvidas no que diz respeito à veracidade dos fatos ali dispostos. O próprio narrador coloca a veracidade de sua narrativa à prova, por assumir certas mentiras que lhe são convenientes como, por exemplo, no caso em que confessa ter mentindo para sua filha, Maria Eulália, a fim de preservar a memória da mãe:

“Para mim era sempre um choque ouvi-la falar assim, embora eu mesmo tenha inventado que sua mãe morrera em nosso leito ao lhe dar a vida. Pareceu-me a princípio uma boa história, capaz de incutir brios na filha, ao mesmo tempo que proporcionava à mãe uma saída triunfal. Cedo ou tarde eu

teria de desenganá-la, mas fui protelando o assunto, e Maria Eulália não só cresceu aferrada à minha mentira caridosa, como a aprimorava por sua conta.” (p.121)

Mesmo que Maria Eulália acredite nas palavras do pai, ela também o questiona, já que Eulálio, por estar sempre preocupado com as aparências de sua família, toma uma postura conservadora perante a sociedade da época. Essa desconfiança de Maria Eulália, mesmo não sendo declarada, era conhecida por Eulálio que, em vários momentos, questiona a aceitação de suas mentiras por sua filha:

“Hoje tenho para mim que a própria Maria Eulália nunca pôs muita fé no que falava, falar da mãe morta era como um esconjuro, era como bater três vezes na madeira. Penso que todo dia ela descia a escada da escola com as pernas bambas, apavorada com a possível aparição de uma mãe penitente.” (p. 121)

Semelhante processo se dá com o leitor, que também é tomado de incertezas principalmente no que diz respeito ao destino da personagem Matilde, sua esposa. Ao longo da narrativa, Eulálio relata diversos finais diferentes para a personagem. A única certeza que tem o leitor é que Eulálio não está mais com Matilde. Logo, o processo que o narrador desenvolve, concernente ao final de Matilde é muito mais de levantamento de hipóteses do que mentira, ou de desdobramentos de alucinações.

Em meios a este cenário caótico de hospital, de memória senil e de alucinações, Chico Buarque dá voz a esse narrador, que, a partir do fim, lança um olhar sobre a vida, reconstruindo situações e lembrando familiares e amigos.

“Tudo, neste texto, é conciso e preciso. Nenhum elemento é supérfluo. (...) Os traços e gestos de Matilde, ao mesmo tempo que determinam a paixão do marido, ocasionam a infelicidade de ambos. Embora vista de forma indireta e em breves flashes, Matilde se torna, também para o leitor, inesquecível.

Outras figuras, fixadas a partir de mínimos traços, também se sustentam como personagens consistentes. É espantoso como tantas personagens conseguem vida própria em tão pouco espaço textual.”

Como aponta Leyla Perrone-Moisés na orelha do romance *Leite Derramado*, Chico Buarque constrói personagens bem marcados a partir de muito pouco detalhe sobre estes.

Eulálio, da cama de um hospital, recupera sua história e, com ela, parentes² e conhecidos. Devido a sua idade avançada o narrador nos apresenta essas figuras de maneira aleatória e confusa, principalmente a geração mais nova. Sobre isso o próprio narrador justifica:

“Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas de faculdade que eu já tinha esquecido (...)”

A partir dessa passagem, entendemos por que Eulálio passa a maior parte do romance falando dos seus antepassados do que de familiares recentes. Observamos que mesmo que esse narrador afirme saber tudo sobre o seu passado, muitos nomes de parentes, principalmente femininos, não são revelados, fato que reafirma o valor patriarcal. Sobre a mãe, o leitor sabe apenas o sobrenome: Montenegro. Contudo, podemos afirmar que era uma senhora de elite, que falava francês até na hora de pedir um saleiro à mesa. Fica exposto também a personalidade forte e o seu comportamento de desprezo com aqueles que julgava ser de classe inferior. “Minha mãe era de outro século, em certa ocasião chegou a me perguntar se Matilde não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha (...)”. Em muitos momentos da narrativa, o próprio Eulálio desenvolve, acerca dos menos favorecidos, comportamento semelhante ao da mãe.

Eulálio Ribas D’Assumpção, pai de Eulálio, era um senador que acaba sendo assassinado. A figura paterna está muito ligada às lembranças do casarão em Botafogo. O narrador sempre coloca a memória de seu pai ao lado de luxo e de bom gosto, características que este se orgulha de ter herdado.

Como o próprio Eulálio comenta, quando o assunto são as lembranças acerca dos mais novos, há uma carência de detalhes e um empobrecimento na descrição. A confusão é tanta dentro da cabeça de Eulálio que este narra situações semelhantes, referindo-se, porém, a pessoas distintas. Primeiramente, o seu neto Eulálio Palumba, e em seguida, o seu bisneto de mesmo nome.

“Mas ainda que assim fosse, ela já havia me recompensado com Eulalinho, que virou um filho pra mim. Por ele até rememorei antigas berceuses (...)”

² Segue anexado ao final deste trabalho a árvore genealógica de Eulálio.

Ensinei-o a ler, arranjei-lhe uma bolsa de estudos no meu antigo colégio de padres onde meu nome ainda abria portas.” (p. 125)

“Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-o a ler, matriculei-o no colégio de padres onde meu nome abria portas, fiz fotografá-lo de calças curtas no Senado. (...) Diz minha filha que ele foi morto na cadeia, mas disso não se tem certeza, só sei que me telefonaram para buscar seu filho no hospital do Exército. Esse Eulalinho criei como se fosse meu filho, ensinei-lhe a abrir as portas, fiz fotografá-lo de calças curtas compadres vermelhos, mas o sabor do remédio estava estranho.” (p. 127)

Tais trechos revelam a desorientação desse narrador que não deixa claro se essas duas situações, realmente, aconteceram ou se ele está, simplesmente, confundindo as pessoas.

Enquanto a maioria das figuras femininas presentes na obra não tem nem nome, há duas mulheres que são citadas em vários momentos da narrativa. A primeira delas é a sua filha Maria Eulália. A menina, segundo Eulálio, era muito parecida com a mãe:

“Não era loucura minha, a Balbina também notava que cada dia você perdia mais um traço da mãe, e nesse passo já perdera todo o desenho original da boca, fora o negro dos olhos e a tez acastanhada. Era como se na calada da noite, Matilde passasse para buscar suas coisas no rosto da filha, em vez dos vestidos no armário ou dos brincos na gaveta.” (p.94-5)

Maria Eulália cresceu ouvindo o seu pai contar que a mãe morrera ao dar à luz: “(...) embora eu mesmo tenha inventado que sua mãe morrera em nosso leito ao lhe dar a vida. Pareceu-me a princípio uma boa história, capaz de incutir brios na filha, ao mesmo tempo que proporcionava a mãe uma saída triunfal.” O que o narrador transmite ao leitor acerca de sua filha é que esta não é bem sucedida: não só na sua vida pessoal, com casamento e planos fracassados, mas também na sua existência familiar, visto que a avó ao afirmar que “ os Assumpção só fazem filho homem”, presenteou a garota com roupas azuis.

Mesmo que Eulálio construa um painel familiar, a figura mais importante da narrativa, a grande paixão de Eulálio, que cerca os seus devaneios e as suas memórias, é Matilde. Uma mulher que tem uma consistência excepcional, ainda que exposta de maneira indireta, pelas linhas tortas da lembrança do narrador. Apesar de não termos uma longa descrição de Matilde, somos capazes de deduzir a sua figura a partir de relatos e, principalmente, do silêncio do Eulálio. A ausência de Matilde vira quase uma presença, por se tratar de um fato tão bem marcado e mencionado ao longo da narrativa. Matilde uni-se à

vasta galeria feminina das canções de Chico, como uma personagem maior. Sobre a personagem, o próprio Chico comenta numa entrevista para a revista *Ípsilon*³:

“Como é que construiu esta Matilde?”

E Matilde, a mulher, eu até pensei mas não consegui. Tem coisas que você pretende fazer e que depois a escrita se recusa a fazer. Cheguei a imaginar ele se dirigindo à mulher como se ela estivesse viva. Mas não coube, era impossível porque a ausência dela é muito presente no livro inteiro. A ausência dela é muito determinante na história toda.”

“Há mesmo quem diga que ela é a personagem principal deste romance.

A história toda gira em torno dela. É a obsessão do velho. Ele dá voltas e voltas e cai nela, volta para ela. E é feito de quase nada porque é muito breve a existência dela. A convivência dela com ele é breve, seria um ano e meio, e ela é feita de quase nada porque é feita das lembranças dele. E as lembranças dele não são confiáveis. Quando se trata da mulher dele, ele volta, repete sempre as mesmas coisas, mas sempre de uma forma diferente. O ciúme que ele sentia dela aparece várias vezes no livro contado de formas distintas. O desaparecimento dela é narrado de várias formas diferentes, há várias versões que ele passa geralmente para a filha.

Eulálio, casado com Matilde, observa a mulher em dança febril e detecta uma certa vulgaridade nela. Matilde não pertence à sua classe. E, no entanto, não existe outra mulher que Eulálio mais deseje. Essa mistura de atração e repulsa define a vida de Eulálio. E, mesmo quando a mulher desaparece sem deixar rastro, é ainda com atração e repulsa que ele vai fabricando explicações sucessivas para o inexplicável. Que o mesmo é dizer: amando e odiando, com igual intensidade, um mero fantasma.”

Primeiramente, Eulálio nos apresenta Matilde como: “era a mais moreninha de sete irmãs, filhas de um deputado correligionário do meu pai.” Ao longo da obra, Matilde passa de filha “àquela negrinha que pegamos para criar”. Aos olhos do marido, ela era limitada intelectualmente e espontânea em seus comportamentos. Nesses relatos, além do leitor saber a personalidade da esposa de Eulálio, tomamos conhecimento também, da personalidade do próprio protagonista. Ao relembrar com certo desprezo os momentos que viu sua mulher dançar maxixe, uma dança considerada por ele vulgar, fica clara a sua postura conservadora e preconceituosa, que nunca compreendeu Matilde e sempre a reprimiu. No decorrer do romance, o leitor vai percebendo que Matilde era uma pessoa bem mais estimável do que o marido, fato do qual ele, o próprio narrador desconfia: “Não sei se existe um destino, se

³ Fragmento de entrevista de Chico Buarque de Holanda para a revista *Ípsilon*. Disponível em: http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_ipsilon_isabel.htm. Acesso em 02 de julho de 2011.

alguém o fia, enrola e corta. Nos dedos de alguma fiandeira, provavelmente a linha de vida de Matilde seria de fibra melhor que a minha, e mais extensa”.

Durante os relatos de Eulálio, o leitor é inculido de várias incertezas, mas a mais importante delas diz respeito ao final de Matilde. Este narrador solitário não consegue explicar o que aconteceu, tenta encontrar a causa, porém não a encontra, e mais lacunas são preenchidas com o seu vago discurso. Para tentar entender o ocorrido, Eulálio cria diversas explicações para o sumiço de Matilde:

“Confessei que Matilde realmente havia abandonado o lar, quando ela nem bem engatinhava. Mas falecera pouco depois, em desastre de automóvel na antiga estrada Rio - Petrópolis, e já era tempo de deixarmos sua alma descansar em paz.” (p.123)

“Ao nos abandonar, Matilde rumou em segredo para um sanatório no interior do estado, onde logo viria a morrer de tuberculose.” (p.147)

“Ele virou o resto do conhaque, me encarou e disse estar confiante em que Matilde se recuperaria sem maiores sequelas. Ele vinha de interná-la num sanatório em região montanhosa de clima seco. (...) Disse que ela relutara até o último dia em aceitar a terapêutica. (...) Segundo o médico, Matilde o fez jurar pela Bíblia que não me revelaria seu paradeiro. (...) Porém mais tarde comecei a duvidar do relato do médico, pois não me recordava de Matilde tossindo, e a lavadeira teria me alertado caso ela andasse botando sangue pela boca.” (p. 162-163-164)

“Talvez tenha bisbilhotado as cartas que o médico me escreveu do estrangeiro. Numa delas, se bem me recordo, ele de fato mencionava que Matilde chegou a pensar numa solução extrema, quando soube da gravidade de sua doença. Mas naquela noite ela se afogou porque o tempo enlouqueceu, o mar encheu num segundo e as ondas gigantes tragariam qualquer incauto que estivesse na praia. (...) E lhe confessei que a ver o corpo de Matilde dar na praia, sabe lá com que mutilações, preferi afinal que ela permanecesse enrascada para sempre no fundo do oceano. E simbolicamente fiz gravar seu nome no jazigo que minha mãe mandar erigir para meu pai.” (p. 170)

“Mentiras piedosas” contadas à filha como: a morte no parto, a morte por afogamento ou o acidente de automóvel; delírio ciumento de uma fuga para a França com Dubosc e uma

doença fatal, são pedaços de uma história que o narrador tenta unir, como se fosse um quebra-cabeça.

A criação de uma figura feminina tão marcada, apesar de ser construída por meio de discurso indireto e pelo olhar obtuso do narrador, confirma *Leite Derramado* como uma grande romance. Matilde une-se a outras grandes mulheres da literatura brasileira como Capitu.

UMA PONTA DE CASMURRO EM LEITE DERRAMADO

“Tais eram as ideias que me iam passando pela cabeça, vagas e turvas, à medida que o mouro rolava convulso e lago destilava a sua calúnia.” (Dom Casmurro, p.575)

A construção do narrador de *Leite Derramado* é semelhante à de outro narrador da literatura brasileira. Bentinho, em *Dom Casmurro*, com suas contradições e divagações, conta-nos a história de sua vida, semelhante ao narrador-personagem de *Leite Derramado*. Logo no início da obra, Bento Santiago confessa que o objetivo de seu relato é: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência.” Relembrar os acontecimentos de suas vidas parece ser o anseio dos dois narradores. Porém, durante a narrativa de *Dom Casmurro*, podemos perceber nos relatos de Bentinho, que este está mais preocupado em se isentar da culpa de uma possível traição de sua esposa Capitu. Esse parece ser, de fato, o verdadeiro motivo da narrativa, como aponta Schwarz no texto *A poesia envenenada de Dom Casmurro*: “Em lugar da evocação, do memorialismo emocionado e sincero que parecia merecer todo o crédito do mundo, surge o libelo disfarçado contra Capitu e a tortuosa autojustificação de *Dom Casmurro*, que, possuído pelo ciúme, exilara a família.” Assim sendo, Bentinho tece as suas memórias de maneira que o leitor acredite em tudo que está sendo contado e, também, advogando a favor de si mesmo. Hélio de Seixas Guimarães, em seu livro *Os Leitores de Machado de Assis*, afirma exatamente isso:

“(…) o processo de convencimento e persuasão não quer fazer com que o leitor evolua no seu modo de pensar ou de encarar os problemas, mas sim fornecer-lhe matéria para que ele se convença a si próprio, dos seus próprios conceitos e preconceitos. Daí a centralização do motivo do discurso estar não no discernimento do orador casmurro, mas no de quem escuta, em última análise responsável por completar e dar sentido à narração.” (p.215)

Assim como a narrativa de *Leite Derramado*, *Dom Casmurro* apresenta uma narrativa ambígua, visto que Bentinho a constrói de modo a manipular o leitor para que este passe a acreditar em sua tese. Contudo, ao fazer isso, este narrador, também em primeira pessoa, comete deslizes que colocam à prova suas teorias como, por exemplo, a sua divagação

fantasiosa sobre a possibilidade de intervenção do Imperador nos planos de sua mãe, que queria tornar-lhe padre:

“Vi então o imperador escutando-me, refletindo e acabando por dizer que sim, que iria falar a minha mãe; eu beijava-lhe a mão, com lágrimas. E logo me achei em casa, à espera, até que ouvi os batedores e o piquete de cavalaria; é o Imperador! é o Imperador! toda a gente chegava às janelas para vê-lo passar, mas não passava, o coche parava à nossa porta, o Imperador apeava-se e entrava. Grande alvoroço na vizinhança: ‘O Imperador entrou em casa de Dona Glória! Que será? Que não será?’ A nossa família saía a recebê-lo; minha mãe era a primeira que lhe beijava a mão. Então o imperador, todo risonho, sem entrar na sala ou entrando, - não me lembra bem, os sonhos são muita vez confusos, - pedia a minha mãe que me não fizesse padre, - e ela, lisonjeada e obediente, prometia que não.” (p. 51)

Bentinho, por apresentar-nos um vasto panorama de sua memória, enquadra-se, segundo a classificação de Benjamin, como *lavrador sedentário* assim como o narrador do romance de Chico Buarque. Ambos narradores possuem um conhecimento vertical de suas memórias. Tanto Bentinho quanto Eulálio sabem muito sobre as suas tradições e sobre a história de suas famílias.

Como já foi afirmado, na obra de Chico Buarque, o narrador apresenta a sua história de maneira confusa e desarticulada, cheia de repetições e digressões. Há momentos na obra em que Eulálio desculpa-se com o leitor por suas repetições e justifica o fato por sua avançada idade e por seus remédios. Diferente de Eulálio, em *Dom Casmurro* Bento Santiago coloca a sua narrativa à prova pela maneira ardilosa como este conta os fatos. Nos dois romances o leitor acaba ficando com certas dúvidas no que diz respeito à veracidade dos fatos ali dispostos. Enquanto a narração de Eulálio se faz digna de contestação pelo seu caráter senil, a de Bentinho se faz ambígua pela grande astúcia deste, que, dotado de uma boa retórica, tenta persuadir o seu leitor.

A ordem como Bentinho escolhe para relatar as suas memórias reafirma o caráter manipulador desse narrador. Os fatos acontecem de maneira cronológica. Bentinho sabe exatamente que fato ele vai contar e qual o melhor momento para isso, tanto que em muitos momentos ele fala para o leitor que contará melhor certa história mais adiante da narrativa. Diferentemente de Machado, a narrativa de Chico, por estar extremamente ligada na oralidade, os fatos são relatados à medida que surgem na cabeça de Eulálio, ou seja, de

maneira confusa e não-cronológica. Entre uma medicação e outra, Eulálio relembra os episódios de sua vida sem se preocupar em convencer o seu leitor.

Nas duas obras, o leitor é intimado a participar do processo literário na condição de intérprete completando as lacunas, fazendo julgamentos e tirando conclusões. No caso da obra de Machado, Bentinho, além de manipular o repertório da leitura a fim de que os leitores atinjam certas conclusões e façam julgamentos, também convida esse leitor a preencher as lacunas que este narrador vai deixando pelo caminho: “É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.”

Essa convocação em *Leite Derramado*, assim como em Machado, ocorre de maneira explícita, principalmente, no que diz respeito ao destino da personagem Matilde. Eulálio, ao relatar diversos finais para ela, atribui ao leitor o trabalho de preencher as lacunas que este deixa por se envergonhar, por não se lembrar ou por, simplesmente, não saber. A única certeza que temos é que Eulálio não está com Matilde. Todavia, o sentimento que este guarda não é de rancor. Com isso, o método que o narrador desenvolve, relativo ao destino de Matilde, é mais um levantamento de suposições do que uma mentira. Tais hipóteses estão relacionadas à grande obsessão que Eulálio tem de sua esposa ou à obsessão pelo fato de esta tê-lo abandonado. Em passagens que Eulálio relata a sua vida junto com Matilde, tomamos conhecimento do ciúmes que o personagem manifesta por sua esposa. Num determinado momento da narrativa, o próprio narrador teoriza sobre o assunto:

“Com o tempo aprendi que o ciúme é um sentimento para proclamar de peito aberto, no instante mesmo de sua origem. Porque ao nascer, ele é realmente um sentimento cortês, deve ser logo oferecido à mulher como uma rosa. Senão, no instante seguinte, ele se fecha em repolho, e dentro dele todo mal fermenta. O ciúme é então a espécie mais introvertida das invejas, e mordendo-se todo, põe nos outros a culpa da sua feiúra.” (p. 61)

No decorrer da obra, notamos que o ciúmes de Eulálio, como o próprio diz no trecho acima, é algo fugaz e só não se fechou como repolho, porque era declarado no momento em que era sentido. Durante o período de ciúmes, Eulálio é capaz de quebrar uma vitrola ao ver a sua esposa dançando samba com o empregado da casa. A reação de Eulálio deixa Matilde assustada:

“A cena foi ficando insuportável, os dois não queriam parar com aquela dança nojenta, então dei um pontapé na vitrola de Matilde. O disco voou, partiu-se em cacos no chão, voaram também o prato e o braço da vitrola. Matilde me olhou atônita (...) Voltei de novo pelo centro da cidade, onde comprei uma radiovitrola RCA Victor de último tipo e dois álbuns com vinte e quatro discos de samba. Matilde ficou boba com o presente, voltou às boas comigo, ela era leve de espírito.”

Por esse tipo de comportamento, talvez, ele não guarde mágoas de Matilde, e, também, suas lembranças concernentes a ela sejam sempre doces e cordiais. Conforme podemos observar neste trecho: “(...) retornaria de suas aventuras “confiando no pronto perdão de seu marido.”

O contrário acontece em *Dom Casmurro*, no qual o ciúmes de Bentinho acaba “se fechando em repolho”, seguindo a teoria do próprio Eulálio. No romance de Machado, o ciúmes de Bentinho é um sentimento mais introspectivo que fermenta e faz o personagem tentar transferir a sua “feiúra” num possível adultério de Capitu. Em um trecho o próprio personagem confessa seu sentimento:

“Por falar nisto, é natural que me perguntes se, sendo antes tão cioso dela, não continuei a sê-lo apesar do filho e dos anos. Sim, senhor, continuei. Continuei, a tão ponto que o menor gesto me afligia, a mais ínfima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. É certo que Capitu gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim (disse-me uma senhora, um dia) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê.” (p. 164)

Nesse fragmento fica clara a obsessão de Bentinho por sua esposa, o quanto uma provável traição desperta a perversidade em seu caráter. Ao contrário de Eulálio, Bentinho - após seu casamento com Capitu - tem lembranças amargas e não cordiais, principalmente, as que estão ligadas ao ciúmes. No que diz respeito ao tratamento destes narradores com os filhos, ambos apresentam comportamentos distintos. Enquanto Eulálio é afetuoso com Maria Eulália, Bentinho afasta-se de Ezequiel, à medida que este foi ficando mais parecido com Escobar:

Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele; havia por força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De boca,

porém, não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou o filho e saíram para a missa.”(p.194)

O ciúmes dos narradores pode ser sustentado pela forma como as mulheres agem, classificada por eles como “exibicionista”. Em *Leite Derramado*, Eulálio destaca que Matilde se veste com roupas ousadas para a época, bem como amamenta Maria Eulália na frente de qualquer um. O mesmo ocorre em *Dom Casmurro*, no qual Bentinho ressalta que Capitu gostava de ser vista, como ilustra o trecho abaixo:

“No mais, tudo corria bem. Capitu gostava de rir e divertir-se, e, nos primeiros tempos, quando íamos a passeios ou espetáculos, era como um pássaro que saísse da gaiola. Arranjava-se com graça e modéstia. Embora gostasse de jóias, como as outras moças, não queria que eu lhe comprasse muitas nem caras, e um dia afligiu-se tanto que prometi não comprar mais nenhuma; mas foi só por pouco tempo.”
(p. 152)

É perceptível, também, que tanto Matilde quanto Capitu exercem papéis dominantes nas respectivas relações. Em vários momentos Bentinho confessa ao leitor que é Capitu quem tem maior controle da relação. De acordo com Bentinho, isso ocorre pelo forte caráter dissimulado de Capitu. Para reafirmar essa ideia, o narrador conta um episódio em que a mãe dela surpreende o casal de adolescentes logo após terem se beijado. Nesse (como em muitos outros), Capitu disfarça perfeitamente, deixando o leitor e o próprio Bentinho com a impressão de que ela tem o domínio da situação. Já em *Leite Derramado*, Matilde mantém uma postura firme durante todo o romance, não cedendo às exigências e às reclamações de Eulálio. Sua origem, assim como Capitu, é humilde, e a personagem sustenta isso, apesar da tentativa de Eulálio em enquadrá-la dentro da nobreza de sua família. Bem como pode ser percebido no trecho a seguir: “(...) Matilde ficaria encabulada naquele meio. Política não lhe interessava, negócios, muito menos, amava fitas de caubói, mas não sustentaria uma conversão sobre literatura. Pouco sabia de ciências, geografia e história, apesar de ter estudado no Sacré-Coeur.”

Os dois romances, enfim, fazem parte de uma proposição que faz sentido quando se pensa no propósito da narrativa. O já consagrado livro de Machado de Assis tem como mote a construção de um jogo que o leitor aceitará ou não, que é a traição de Capitu. Tudo no livro converge para a finalidade de o leitor interpretar dessa maneira, como se pode notar no trecho a seguir: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui articulada, mais mulher do que eu era

homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem inculcar na alma do leitor, à força de repetição.” Na obra de Chico Buarque, há a intenção de não ser esquecido, ou seja, ter sua história registrada para a posterioridade como única herança que restou de seus antepassados, visto que durante toda a obra há um processo de empobrecimento financeiro do personagem. Todavia, existe uma decadência moral durante a vida de Eulálio o que justifica que este olhe para o passado distante com muito mais importância: “Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas da faculdade (...).”

O tom melancólico com o qual os narradores falam de suas residências de infância é outro ponto de encontro entre as obras. Bentinho relembra com carinho a sua casa na rua Matacavalos, assim como Eulálio recorda a época em que vivia no casarão de Botafogo. Os dois narradores passaram maior tempo de sua juventude com a figura materna. Tanto Dona Glória quanto a mãe de Eulálio são personagens dotados de uma personalidade forte. As duas adoram se meter nas vidas de seus filhos, dando palpites sobre diversos assuntos, inclusive amorosos.

Mais um ponto de proximidade entre *Dom Casmurro* e *Leite Derramado* é a questão da dúvida: Machado com o adultério, e Chico com o desaparecimento de Matilde. Porém, eles se afastam, por que os narradores lidam de maneiras distintas com suas mágoas. Enquanto, Eulálio a enfoca mais no seu pai do que, propriamente, em Matilde, Bentinho joga toda esta mágoa em Capitu e, mais tarde, em Ezequiel.

Podemos notar, também, que os dois romances se aproximam por abordarem um mesmo tema: ciúmes, embora este seja de tipos diferentes. Segundo a classificação de Eulálio, em *Leite Derramado*, este ciúmes seria definido como “rosa”, enquanto que em *Dom Casmurro*, ele seria do tipo “repolho”, que se fecha em Bentinho. No que diz respeito às personagens femininas, além de ambas apresentarem autoconfiança, exercendo assim um controle maior das situações, os dois narradores apresentam também, uma mudança de comportamento: de uma postura mais popular, principalmente na maneira de se vestirem, com roupas que valorizavam os seus corpos, para uma postura mais sisuda com roupas mais fechadas. Como aparece nas passagens abaixo:

“Só dias mais tarde se fechou para o mundo, passou a esconder o corpo sob os vestidos largos que mamãe lhe dera havia tempo.” (Leite Derramado, p. 64)

“Quando levantei a cabeça, dei com a figura de Capitu diante de mim. Eis aí outro lance, que parecerá de teatro (...) Capitu não saía sem falar-me. Era já um falar seco e breve; a maior parte das vezes, eu nem olhava para ela.” (Dom Casmurro, p. 577)

Outra marca machadiana na obra de Chico Buarque está relacionada ao modo como este faz uma crítica da sociedade. Ela não é construída de maneira direta, mas sim pela exposição de personagens representativos de uma determinada classe social. Matilde, o velho Balbino e o próprio Eulálio carregam nos seus discursos marcas da sua posição elitizada. Sendo assim, cabe ao leitor a tarefa de reconhecer e estabelecer as críticas, a partir do quadro de relações construído na obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Leite Derramado*, Chico Buarque constrói, de maneira magistral, um panorama social do Brasil a partir das memórias de um velho a beira da morte. O romance nos apresenta alguns paradoxos, tais como: o tradicional e o contemporâneo, a memória e o esquecimento. Observamos, também, que o novo não se estabelece por si só, pois é necessário olhar para o passado para se criar algo atual. É exatamente o que Chico Buarque faz, neste romance, ao apanhar os elementos da tradição dando a eles uma nova perspectiva.

Nesta obra, Chico consegue representar literariamente as transformações da sociedade carioca, ao mesclar tradição e contemporaneidade. Seu narrador-personagem é um centenário que tem um discurso fortemente oral, embora essa oralidade se apresente por meio da escrita. Eulálio é um narrador que busca recuperar a sua função social e reviver momentos da sua vida, a partir das suas memórias. Ao relatar a sua história, Eulálio faz um movimento da passagem da lembrança, que como aponta Benjamin, é algo individual, para a memória que se torna coletiva. Neste processo, conseguimos recuperar séculos de história brasileira.

O narrador de Chico, porém, não tem a sabedoria dos anciãos. Seu relato inconsistente e lacunar é um discurso repleto de preconceitos que marcam a sua posição social, numa narrativa, que, muitas vezes, se mostra sem nenhuma linearidade discursiva. Permeada por lapsos de memória, a narrativa de Eulálio tenta reconstruir uma vida que se apresenta de maneira esfacelada. Devido ao fato de este ser repleto de digressões e alucinações, a veracidade da narrativa é contestada. O leitor não é capaz de assegurar se o fato contado por Eulálio é verdade ou ilusão, visto que o “narrador-personagem” não é confiável.

Eulálio relata, detalhadamente, as suas memórias e consegue remontar o quebra-cabeça que é a sua vida, visto que ele conhece muito bem a história das suas origens. Por isso, podemos classificá-lo, segundo Benjamin, como “*lavrador sedentário*”, já que ele tem um conhecimento vertical da sua história e é capaz de contá-la de modo minucioso e profundo. Notamos, porém, uma falta de interesse de seus interlocutores diante das histórias do ancião. Este comportamento do interlocutor remete à tese de Benjamin, de que a humanidade não está mais disposta a aceitar narrativas e as experiências que emanam delas.

Apesar dos devaneios e da memória fragmentada, percebemos a necessidade que Eulálio tem de deixar um registro das suas memórias. Por isso, ele relata a sua vida a enfermeiras, a médicos e à filha, colocando-se numa posição de fragilidade. De acordo com Adorno, o narrador contemporâneo ataca um componente fundamental de sua relação com o leitor: a distância estética. Ao contrário do romance tradicional, no qual essa distância é fixa, no romance contemporâneo ela tira a tranqüilidade do leitor diante do que está sendo lido. Assim sendo, nota-se o papel do leitor ativo que participa da construção dos sentidos ao duvidar do que está sendo narrado.

O leitor de *Leite Derramado*, diante de lacunas, torna-se, mais do que nunca, uma peça principal para a obra, pois cabe a ele a responsabilidade de preencher esses vazios, tornando-se, assim, um co-autor do romance. Processo semelhante ocorre com o leitor de *Dom Casmurro*, romance em que Machado de Assis convida o leitor a fazer julgamentos e a tirar conclusões.

Além da relação estabelecida com o leitor, as duas obras têm outras semelhanças, como foi analisado. Assim como Machado, Chico aborda a questão do ciúmes, embora este seja de tipos diferentes. No caso de Eulálio, ele seria definido como “rosa”, enquanto o de Bentinho seria o ciúmes do tipo “repolho”. Outra semelhança destacada é com relação às personagens femininas. Apesar da pouca descrição física, Matilde e Capitu são duas figuras bem marcadas psicologicamente nos romances.

Chico Buarque, ao retomar elementos tradição da clássica do romance e inserir marcas da modernidade na narrativa, ecoa o pensamento de Eliot de que o bom escritor é aquele que busca conhecer o passado e desenvolver esse conhecimento ao longo de suas obras. De acordo com Eliot, o que faz uma obra de arte verdadeira é a capacidade de esta ser inovadora ao mesmo tempo em que dialoga com a tradição.

Com base nesse estudo, podemos concluir que Chico Buarque se consolida como um significativo escritor dentro da Literatura contemporânea brasileira a cada livro lançado. Embora seja muito cedo para saber se sua obra persistirá no tempo, podemos afirmar, que, concordando com Leyla Perrone-Moisés, “*Leite Derramado* é a obra de um escritor em plena posse de seu talento e de sua linguagem.”

Por fim, esperamos que esse trabalho tenha contribuído para uma reflexão crítica sobre o mais recente romance de Chico Buarque, *Leite Derramado*, que, por ser uma obra recente, ainda não foi estudada de maneira mais aprofundada. Almejamos que esta pesquisa sirva de base para futuras análises.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Posição do Narrador no Romance Contemporâneo**. São Paulo: Abril Cultural, 1982
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Porto Alegre: Novo Século, 2001.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- _____. Imagens do Pensamento. In: **Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ELIOT, T.S. Tradição e Talento Individual. In: **Ensaio de Doutrina Crítica**. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os Leitores de Machado de Assis**. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.
- HOMEM, Wagner. **Chico Buarque: Histórias de Canções**. São Paulo: Leya, 2009.
- SCHWARZ, Roberto. **A poesia envenenada de Dom Casmurro**. In: *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Fortuna Crítica Leite Derramado**. Disponível em:
http://www.chicobuarque.com.br/critica/leite_critica.htm. Acesso em: 02 de julho de 2011.

ANEXO

ÁRVORE GENEALÓGICA DE EULÁLIO

